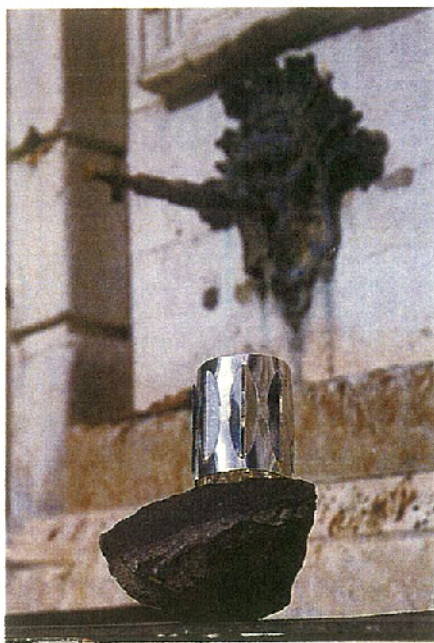


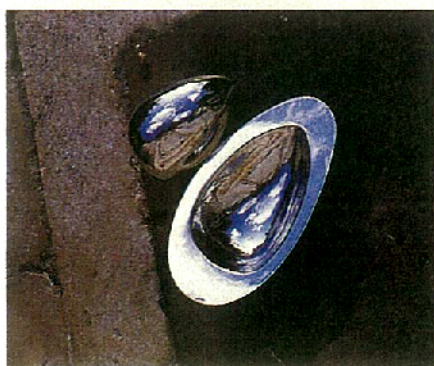
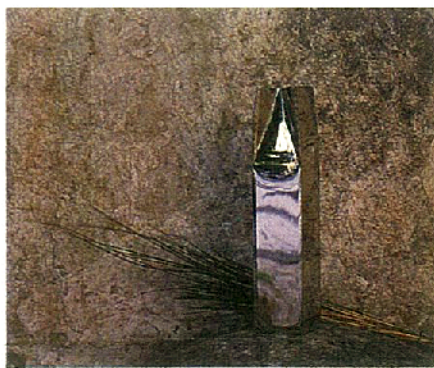
e não fez, o balanço resulta positivo. «Só no aspecto de honra e glória, porque no plano material revela-se praticamente nulo. De tal maneira que por vezes sinto a continuidade do meu trabalho ameaçada». Quem duvida do talento da Kukas? Uma das bem-amadas desta terra, a quem não se regateiam louvores. O prestígio gratifica, mas sem o vil metal nenhum artista pode realizar as ideias que lhe brotam da cabeça. Depender de dinheiros, gestões e esquemas de comercialização não se coaduna com a sua sensibilidade. «Não sei gerir, não gosto, é um desgaste. Nem sequer uso agenda, os meus registos são mentais». Desorganizada na dinâmica da vida, como ela sublinha, cultivava o coleccionismo. Impondo a si mesma uma disciplina, reúne famílias de objectos. Ilhas de ordem, sob a forma de búzios, estrelas do mar e leques.

Uma luz brilha no fundo do túnel, desde que decidiu lançar no mercado séries de objectos em metal. Utilitários e decorativos, destinam-se a circular pelas lojas de design. É o caso da Galeria Quattro de Leiria onde vão integrar uma exposição, a partir de meados de Junho. Teimosa e batalhadora, não se contenta com vãs glórias, ainda que o acompanhamento da produção nas fábricas lhe sugue as energias. «Fazer qualquer coisinha neste país exige um esforço titânico, demoram tempos infintos a pagar... é desmotivante cem por cento».

Em maré de desânimo, interroga-se se não teria sido mais sensato ficar em Paris onde fez um curso de decoração de interiores na década de 60. *Je ne regrette rien*, como



*«Ainda hoje as pessoas não são sensíveis ao design, preferem a ourivesaria convencional ou aquela bijouterie horrível de griffe que é caríssima»*



aquela canção de Edith Piaff. «Careço de coragem para recomeçar uma vida nova lá fora, não consigo separar-me destas janelas debruçadas sobre o Tejo». Foi em França que Kukas se apaixonou pelas jóias de influência nórdica – um exemplo de rigor, de clareza formal. «Gosto da transparência, da interpenetração da luz, da linguagem linear. Com respeito a pedras aplico mais o cristal de rocha, embora também aprecie o brilhante inserido no ouro branco. Já fiz peças dessas por encomenda. Trabalhar com ouro, platina e brilhantes implica um investimento fabuloso».

Quanto a materiais, assunto arrumado. Não despreza o ouro, utiliza muito a prata (material bonito e acessível) e plástico... jamais. «Não o considero um material digno, incluir plástico numa jóia não significa torná-la mais moderna». Outro material banido dos seus horizontes criativos é o marfim. Na opinião de Kukas, caçar elefantes para lhe extrair os dentes, é um acto de vandalismo com o qual se recusa a pactuar. Num desafio ecológico, lamenta a quebra de harmonia entre as pessoas e o universo. Harmonia de que as suas peças, jóias e objectos comungam.

Civilizada, culta e segura do seu bom critério, dedicou-se a um mester cujo futuro é uma incógnita. Rodeada de pintura, com o Tejo em pano de fundo, vive na encosta do Castelo, num bairro onde há vizinhos demasiado ruidosos. Aponta para o quadro de Maria Teles: «Representa o atelier o Escada, um artista que foi vítima da sua fragilidade». L.F. 